

## A Coisa e o Belo

A arte na obra de Freud é abordada a partir da pulsão sexual: é o produto de um destino pulsional denominado sublimação. Trata-se de uma vicissitude da pulsão que proporciona satisfação. É uma satisfação especial distinta tanto da satisfação sexual direta quanto da satisfação paradoxal do sintoma que é fonte sofrimento (conversões histéricas, obsessões ou fobias). A sublimação é uma forma de satisfação em que a pulsão pode encontrar seu alvo e levar o sujeito a experimentar um gozo para além do físico provocando-lhe o efeito do Belo.

Trata-se de uma satisfação que não é sexual mas não deixa de sê-lo. Como apreendê-la? A sublimação se distingue do recalque que vai constituir o sintoma neurótico dentro do regime de substituição: uma representação psíquica (que dá origem ao sintoma) vem no lugar daquela que levaria à satisfação sexual direta. Na sublimação artística o objeto está presente, mas não é o objeto sexual que permitiria a satisfação pulsional direta. Ao conferir à pulsão uma satisfação diferente do seu alvo, a sublimação revela a natureza própria da pulsão no homem: ele é sempre derivada, desviada do objeto que lhe traria uma satisfação total e derradeira.

Lacan, em seu seminário, livro VII, *A Ética da Psicanálise*, aborda a questão da arte e da sublimação a partir do conceito de *Coisa* articulando a definição de *Coisa* em si de Kant, sua utilização por Heidegger e a descrição que dela fez Freud, na medida em que situa a *Coisa* no âmago da economia libidinal de todo sujeito.

Na sublimação o “objeto (artístico) é elevado à dignidade da *Coisa*”<sup>1</sup>. Seu exemplo é o objeto de coleção. Ele se refere a uma coleção de caixas de fósfo-

---

\* Psicanalista, doutor em Filosofia pela Université Paris VIII.

1 Jacques Lacan. *O Seminário*, livro 7, *A Ética da Psicanálise*, Jorge Zahar Ed., 1988, p. 141.

ros que teve a oportunidade de ver quando de uma visita na casa de Jacques Prévert. As caixas de fósforos estavam enfileiradas de modo que se encaixavam umas nas outras, a gaveta de uma entrando no receptáculo da outra, de modo a constituir uma fita que percorria o rebordo da lareira, subia na murada e terminava descendo ao longo de uma porta. Esse ajuntamento de caixas de fósforo vazias fazia aparecer algo para além do objeto que cada uma constitui em sua utilidade e definição. Fez aparecer, em sua multiplicidade, a Coisa presente na caixa de fósforo proporcionando a satisfação estética do espectador.

Proponho nesse artigo abordarmos inicialmente a Coisa em Kant e em seguida em Freud para mostrar sua articulação com o Belo presente na obra de arte.

Com o nùmeno e a Coisa em si, Kant introduz o vazio, ou melhor, o furo no mundo do fenômeno do espaço euclidiano, definido na geometria e no campo da experiência visual. A Coisa para a psicanálise é, como a Coisa em si de Kant, vazia, sem substância: é aquilo em torno do qual se organiza toda a atividade do sujeito, toda sua orientação subjetiva. Trata-se de um vazio de representação que evoca o gozo pulsional.

### A Coisa kantiana

A teoria do objeto de Kant é desenvolvida na *Crítica da Razão Pura* paralelamente ao estudo do conhecimento pelo método transcendental, que se ocupa principalmente de nosso modo de conhecimento dos objetos, mais do que dos próprios objetos. Essa teoria compreende o binômio kantiano de fenômeno e nùmeno, correlativo ao par objeto sensível e coisa em si, que corresponde, a nível escópico, ao binômio visível e invisível.

Nùmeno vem do grego *numenas*, coisas pensadas, chamadas, por Kant, “seres do entendimento”, os quais se opõem aos fenômenos, “seres do sentido”. O nùmeno é um conceito negativo —negativo do objeto dado pela experiência que é seu correlato. “Se por nùmeno, diz Kant, entendemos uma Coisa, na medida em que ela não é objeto de nossa intuição sensível, abstraíndo-nos de nossa maneira de intuí-la, essa Coisa é, então, um nùmeno no sentido *negativo*”.<sup>2</sup> O nùmeno reintroduz no conhecimento a falta, que havia sido excluída do campo fenomênico. Não podemos conhecer tudo; o nùmeno é

2 Immanuel Kant, “Critique de la raison pure”, em *Oeuvres philosophiques I*, p. 982.

para Kant o nome daquilo que, no conhecimento, não se pode conhecer. O númeno deixa um furo no conhecimento, que se constitui através da sensibilidade associada ao entendimento. “O númeno nada mais é, diz Lacan, que o furo que encontramos em nosso simbólico, nomeado assim a partir da topologia do toro.”<sup>3</sup> O númeno vem barrar uma suposta totalidade do conhecimento; ele cria uma barreira ao saber totalizador do simbólico proposto pela ciência, como por exemplo, a física. Efetivamente, “sem o conceito de alguma Coisa que não se apresenta a nossa intuição sensível, correríamos o risco de acreditar que nosso conhecimento se refere às coisas em si, e não às coisas dadas pela sensibilidade, ou seja, objetos”.<sup>4</sup>

O númeno não é o objeto que se apresenta aos sentidos, mas o objeto que tomamos “quando pensamos nele em si como simplesmente inteligível, ou seja, dado somente ao entendimento e não aos sentidos”.<sup>5</sup> Númeno, objeto transcendental e Coisa em si são próximos para Kant, na medida em que se opõem aos fenômenos, o que faz com que tempo e espaço não lhes digam respeito, não podendo, portanto, serem conhecidos pelas categorias do entendimento. Inapreensíveis pelo simbólico, não estão no tempo nem no espaço. Para Kant existe o mundo visível, empírico, com os objetos-fenômenos e o mundo invisível do númeno; os primeiros são perceptíveis, objetos de percepção, e o segundo pode ser apenas pensado mas não apreendido. O númeno se deduz logicamente. Isto divide a categoria dos objetos. À série do objeto empírico, objeto da experiência, objeto percebido e fenômeno, podemos opor a Coisa em si, o objeto pensado e o númeno — o laço entre os dois é o objeto transcendental.

Sensibilidade + entendimento		Entendimento puro
Objeto empírico		Coisa em si
Objeto percebido	<i>Objeto transcendental</i>	Objeto apenas pensado
Objeto cognoscível		Objeto incognoscível
Fenômeno		númeno

Em que série kantiana de objetos está a substância?

Para Aristóteles, a substância primeira corresponde à forma, *ousia*, que é a primeira categoria da essência, diferente de todas as outras correspondentes à

3 Jacques Lacan, *O Seminário*, livro 22, R.S.I., sessão de 18.3.1975.

4 Gérard Lebrun, “L’aporétique de la chose en soi”, *Cahiers d’Histoire et Philosophie de la Science* 5, p. 19 e 28.

5 Immanuel Kant, *op. cit.*, p. 986.

existência. A essência está sempre ativa na Coisa e sua substância não está na Coisa; ela é a Coisa. A substância dá essência à Coisa. Ela está fora do tempo e do espaço, que são acidentes da Coisa, mas que não nos dão a substância.

Para Kant, a substância está do lado do objeto da experiência e não da Coisa em si. A substância é o tema da primeira analogia da experiência destacada por Kant na *Crítica da razão pura*, em que ele enuncia o princípio da permanência da substância: “todos os fenômenos contêm algo de permanente (*substância*) que é o próprio objeto, isto é, um modo de seu existir”.<sup>6</sup> A substância é o que existe, aquilo que faz parte do real empírico no sentido kantiano, pois, “o substrato de todo real, isto é, de tudo que pertence à existência das Coisas, é a *substância*, na qual tudo que pertence à existência só pode ser pensado como determinação”. A substância é o que há de permanente no fenômeno, e é essa permanência que permite a Kant aplicar a categoria da substância ao fenômeno e dizer, em seguida, que o permanente “é o *substrato* da representação empírica do próprio tempo, substrato que possibilita por si toda determinação do tempo”. A substância não é determinada, e sim determinante para o fenômeno. Por conseguinte, fica excluída a possibilidade de que a Coisa em si possa suportar a categoria da substância: ela não está no tempo nem no real kantiano, que é o real da objetividade enquanto científica.

Para Aristóteles, metafísica e gnoseologia são inseparáveis na medida em que ele supõe um conhecimento direto da Coisa em si. Kant mantém a gnoseologia aristotélica que tem por base as categorias e os princípios, mas exclui o conhecimento daquilo que seria a substância primeira, ou Coisa em si. Existe, para Kant, uma diferença entre, de um lado, substância e objeto empírico, e do outro, a Coisa em si sem substância com sua negatividade numênica.

A Coisa analítica, é um objeto que não é empírico; ele não tem substância, a não ser de gozo: trata-se de uma “substância episódica”.<sup>7</sup> Esse objeto não pode ser apreendido pela estética transcendental, pois não é nem empírico, nem pura negatividade. No campo escópico, ele poderá apoderar-se de uma substância tão evanescente quanto a luz para se apresentar ao sujeito do desejo como olhar.

Kant desloca o acesso à Coisa em si do conhecimento para a moral, passando das categorias do entendimento à praticidade do imperativo categórico; da luminosidade diurna do mundo visual para a escuridão da noite da lei.

6 *Ibid.*, p. 919 ss.

7 Lacan se refere às quatro substâncias episódicas do objeto *a* em sua “Nota italiana”.

Se não percebemos a Coisa com nossos sentidos, nós a experimentamos no mais íntimo de nosso ser em sua incidência universalizante presentificada no imperativo categórico. A Coisa em si se presentifica pela lei moral.

“O céu estrelado acima de mim e a lei moral dentro de mim”. Ao espetáculo do mundo dos sentidos do sujeito fenomenal opõe-se a lei moral do sujeito da inteligência. Ao eu visível, empírico, opõe-se o *eu invisível* —sujeito transcendental, sujeito da lei moral, coisa em si—, cuja razão prática arranca o homem da animalidade do ambiente e o constitui propriamente como sujeito. À luz dos fenômenos que iluminam o eu se opõe a sombra da lei que desenha a silhueta do sujeito numenal.<sup>8</sup>

### A Coisa psicanalítica

Em um dado momento de seu ensino, Lacan identifica a Coisa analítica com a *causa numenon* de Kant.<sup>9</sup> Ele recorre ao conceito de númeno para indicar o vazio da Coisa que fica fora do tempo e do espaço, fora do mundo sensível, da imaginação e, também, fora da representação. Mas, diferentemente do númeno, que só pode ser abordado pelo negativo, a psicanálise nos demonstra que existe uma forma de captar a Coisa, embora ela não possa ser atingida enquanto tal. A negatividade do númeno nos remete ao conceito da falta, que tampouco pode ser representada; mas a Coisa, apesar de irrepresentável, pode ser abordada.

Em sua conceitualização de *A Coisa*, Lacan também se refere de passagem ao texto de Heidegger com o mesmo nome, no qual este dá o exemplo do pote que o oleiro produz dando forma ao vazio, o qual determina todos os gestos da produção. É o vazio que qualifica o pote enquanto tal, aí reside sua “coisicidade”.<sup>10</sup>

A criação se faz em torno do vazio da Coisa, como nos ensina Heidegger, como o oleiro que constitui o vaso a partir de seu vazio. Lacan considera o vaso como “um objeto feito para representar a existência do vazio no centro do real que se chama a Coisa, esse vazio, tal como ele se apresenta na representação —apresenta-se, efetivamente, como um *nihil*, como nada”<sup>11</sup>. Assim o oleiro cria o vaso *ex-nihilo* a partir do vazio.

8 O termo *eu invisível* é empregado por Kant para se referir ao sujeito moral da razão pura prática em sua conclusão da *Crítica da Razão Prática*, *op. cit.*, p. 173.

9 Jacques Lacan, *O Seminário*, livro 7, p. 93.

10 Martin Heidegger, “La chose”, *Essais et conférences*, Paris, Gallimard, 1958, pp. 194-218.

11 Jacques Lacan, *op. cit.*, p. 53.

O efeito dessa criação *ex-nihilo*, é o Belo. “Toda arte, diz Lacan, se caracteriza por um certo modo de organização em torno desse vazio”<sup>12</sup>. Trata-se de um vazio no âmbito da representação, ao qual a arte conferirá uma forma com objetos, letras, imagens ou sons.

Mas, o que é a Coisa para a psicanálise?

A Coisa, em psicanálise, destacada por Lacan do texto freudiano, é a Coisa esvaziada de seu gozo, impossível de apreender e que, no entanto retorna como gozo no sintoma, na perversão e na sublimação. O vazio da Coisa em si de que fala Kant é o próprio lugar da lei moral. Da mesma forma, encontramos em Lacan a mesma elaboração relativa às relações entre a Coisa e a lei: lá onde há *das Ding* como Coisa vazia, lá encontraremos a lei moral, lei do supereu que comanda o sujeito e que dá o aspecto imperativo ao desejo. “*Das Ding* apresenta-se ao nível da experiência inconsciente como aquilo que desde logo constitui a lei... Trata-se de uma lei de capricho, arbitrária, de oráculo também, uma lei de signos em que o sujeito não está garantido por nada.” Através do conceito de *das Ding* Lacan introduz a articulação entre a lei e o real. “A lei moral se articula com a visada do real como tal, do real na medida em que ele pode ser a garantia da Coisa”.

A Coisa, *das Ding*, em Freud, no “Projeto para uma psicologia científica”, é o que, no processo de julgamento, permanece como “componente perceptual constante” que se distingue dos “investimentos cambiantes”.<sup>13</sup> A Coisa está presente, também, no “complexo de outrem”, o *Nebenmensch*, que compreende a percepção de um ser humano que entra no campo libidinal do sujeito despertando seu interesse. No complexo de outrem, trata-se da percepção de um objeto da mesma ordem que aquele que proporcionou a primeira satisfação ao sujeito. A partir daí, esse complexo, diz Freud, se divide em duas partes, “uma que dá a impressão de estrutura permanente que permanece inteira como Coisa, enquanto a outra pode ser entendida graças a uma atividade mnemônica.” A Coisa é, portanto, esse elemento que o sujeito isola na origem e que se apresenta cada vez que seu interesse (sempre marcado pela libido) é despertado pelo outro. Os atributos mudam, mas há uma pequena Coisa que está sempre lá, que escapa ao julgamento. Pessoas bem diferentes, com atributos bem distintos (gorda, magra, alta, baixa, loura, morena etc.) podem igualmente despertar o desejo conquanto possuam uma “coisa” inominável e irrepresentável. Os significantes podem variar, mas a Coisa, por

12 *Idem*, p. 162.

13 Sigmund Freud, *Projeto para uma Psicologia Científica*, ESB, 1:345.

definição fora do significante, é a mesma. Esse *Ding* é o que proporciona a coisicidade desejosa do outro e que serve ao sujeito de guia no caminho do desejo: é a Coisa que confere a lei do desejo. A Coisa está no interior do sujeito, mas como excluída; por ser uma exterioridade íntima, Lacan define seu lugar como “extimidade”.

Ao seguirmos a postulação de Freud de uma primeira experiência de satisfação mítica, que o sujeito tentará em vão reconstituir impelido pelo desejo, verificamos que a Coisa em jogo é dada no campo escópico.

O objeto da primeira experiência de satisfação, quando se constitui o desejo, corresponde à *Coisa* que não poderá nunca mais ser alcançada, nem na alucinação do desejo, nem na realidade. Entretanto, ela teria sido hipoteticamente vista e experimentada. Só temos dela suas coordenadas simbólicas fornecidas pelos traços significantes dessa experiência construída logicamente por Freud, na qual a Coisa é escópica e a percepção em questão é visual. Eis como Freud descreve a experiência de satisfação que coloca um fim à excitação interna do bebê (fome) que o faz gritar e agitar-se: “Um componente essencial dessa experiência de satisfação é o aparecimento de uma percepção particular (a de nutrição, em nosso exemplo) cuja imagem mnemônica permanece associada, daí por diante, ao traço de memória da excitação produzida pela necessidade.”<sup>14</sup> Essa experiência, cujo caráter visual merece ser ressaltado, estabelece a associação das duas representações: a do objeto percebido e a da necessidade. E, “na vez seguinte em que essa necessidade desperta, surgirá imediatamente um impulso (*Regung*) psíquico que procurará reinvestir a imagem mnemônica da percepção e reevocar a própria percepção, isto é, restabelecer a situação de satisfação original. Um impulso dessa espécie é o que chamamos de desejo”.

A reconstituição da experiência de satisfação implica sempre a participação da percepção, seja na realidade, seja na alucinação — para o desejo pouco importa, pois busca satisfação. Continua Freud: “o reaparecimento da percepção é a realização do desejo e o caminho mais curto para essa realização é uma via que conduz diretamente da excitação produzida pelo desejo a um investimento completo da percepção. Nada nos impede de presumir que houve um estado primitivo do aparelho psíquico em que esse caminho era realmente percorrido, isto é, em que o desejo terminava em alucinação”. A essa atividade psíquica de repetição da percepção para alcançar a realização do desejo,

---

<sup>14</sup> Sigmund Freud, *A Interpretação dos Sonhos*, ESB, V, p. 602 ss.

que nada mais é do que a reprodução da primeira experiência de satisfação, Freud dá o nome de *identidade de percepção*. Essa percepção é visual: trata-se de encontrar a “imagem mnemônica” do objeto, e o exemplo de alucinação que Freud propõe é o sonho.

O objeto da primeira experiência de satisfação — que é portanto visual — corresponde à Coisa que não pode ser atingida nem na alucinação do desejo nem na realidade. Só se tem acesso a suas coordenadas simbólicas. A Coisa em psicanálise é o objeto perdido, que, na verdade, jamais existiu. E, no entanto, o sujeito deve reencontrá-lo, sem no entanto jamais conseguir, constituindo a falta estrutural do desejo.

A Coisa encontra-se, portanto, no fundamento da experiência de desejo do sujeito, que é afetado por ela em seu real de gozo. Ela é também o verdadeiro segredo da experiência visual da percepção do sujeito, despertando o interesse, a curiosidade e o desejo no mundo visível do qual ela está elidida.

O sujeito do desejo, na verdade, “não é nada além da Coisa, que é dele o que há de mais próximo, embora mais lhe escape”.<sup>15</sup>

O vazio da Coisa analítica corresponde, assim como o sujeito, à falta de significante que pudesse representá-la, e também ao esvaziamento do gozo. O complexo de Édipo vela o vazio do gozo da Coisa e atribui a esta um caráter de coisa proibida, quando na verdade ela é impossível de se encontrar. O complexo de Édipo leva a crer que a Coisa que representa a Mãe é proibida, quando na verdade está perdida.

A Coisa psicanalítica fica do lado do real que não pode ser apreendido pelo simbólico, pois não pertence ao mundo dos objetos da sensibilidade. O real se distingue do registro do imaginário, na medida em que este último é o âmbito do *eidos* visual e imaginativo: o mundo das formas, das imagens, dos objetos que pertencem ao mundo da percepção. O imaginário e o simbólico constituem, juntos, a realidade para o sujeito para quem o real é causal ainda que velado. O real que concerne ao sujeito, ou seja o real de seu gozo, só pode ser apreendido pelo simbólico como se encontra na descrição de Freud da Coisa no *complexo do próximo*, a qual permanece imutável, sendo porém rodeada por significantes que constituem seus atributos.

A Coisa, segundo a definição lacaniana, “é aquilo do real que padece do significante”.<sup>16</sup> A Coisa é barrada do significante da lei que vem no seu lugar mas que não a nomeia. Esse significante que barra a Coisa, esvaziando-a do

15 Jacques Lacan, *Escritos*, p. 662. “Não é nada além da Coisa, que é dele o que há de mais próximo, embora mais lhe escape.”

16 Jacques Lacan, *O Seminário*, livro 7, p. 157.

gozo, chama-se Nome-do-Pai, o significante da lei, enquanto referido ao Édipo. A lei que vem no lugar da Coisa se apresenta ao sujeito como lei moral, lei do supereu, que Freud faz equivaler, precisamente, ao imperativo categórico de Kant. Essa lei do supereu é, como a máxima universal da lei moral, uma pura forma que exige o impossível do sujeito: “fazer como todos”. O impossível da lei moral é a forma que toma o gozo impossível da Coisa. O universal da lei moral do sujeito é, paradoxalmente, o que toma o lugar do mais particular do sujeito, a Coisa.

### A sublimação e o belo

A sublimação, que transforma um objeto qualquer em objeto artístico, é uma forma de abordar a Coisa, na medida em que ela eleva um objeto à dignidade da Coisa. Para que um objeto empírico se torne digno de nosso interesse e nos provoque sensação de gozo como arte, é preciso que a sua “coisicidade” sobressaia, indicando uma recuperação de gozo como aparece no prazer artístico e no efeito do belo, embora o belo seja a derradeira barreira diante do horror que a própria Coisa arrisca provocar em nós.

O objeto de arte é “instaurado numa relação com a Coisa que é feita simultaneamente para cingir, para presentificar e para ausentificar”.<sup>17</sup> As maçãs de Cézane não são meras imitações, ele fez algo mais do que imitar maçãs. Ele fez surgir um objeto que dá dignidade à maçã, como um objeto que cativa e fascina o sujeito capturado por sua beleza. Assim, Cézane renova a relação do espectador com o real através desse objeto que evoca a “coisicidade” da Coisa.

No caso do destino pulsional da sublimação, a Coisa pode ser figurada: um objeto qualquer pode tomar, no campo escópico, a figura evocativa da Coisa promovendo o efeito de beleza. O belo desperta o desejo, devido à sua relação particular com o campo escópico, na medida em que, como nos ensina Platão “a vista é o mais sutil dos órgãos do corpo” e que a “beleza é a única a gozar do privilégio de ser a mais visível e mais charmosa”.<sup>18</sup> Mas, se o belo provoca desejo —tal como a beleza dos belos corpos, descrita por Sócrates a Fedro—, ele tem também como efeito, como notou São Tomás de Aquino, o de suspender, abaixar, “desarmar o desejo”. E Lacan acrescenta que “a manifestação do belo intimida, proíbe o desejo”.<sup>19</sup> O belo engambela.

17 Jacques Lacan, *op. cit.*, p. 176.

18 Platão, *Fedro*, p. 130.

19 Jacques Lacan, *op. cit.*, p. 290.

A função do belo é a de nos engambelar quanto ao desejo e nos manter distante, mas apenas a um passo, do horror do mal radical do gozo. Isto é consequência da articulação da criação *ex-nihilo*, própria da sublimação, com a pulsão de morte. Mas, como nos ensina Kant na *Crítica do juízo*, somente o exemplo pode fundamentar a transmissão na categoria do belo. O caso do personagem de *Antígona* nos servirá de exemplo, e até mesmo de paradigma, na medida em que personifica a Coisa no campo escópico.

A beleza de Antígona se deve ao fato de ela mover-se na zona do umbral entre-duas-mortes, que é o “limite em que o olhar se torna beleza”.<sup>20</sup> Antígona apesar de viva já está coberta pelo véu da morte: ela está condenada à morte por Creonte por preferir as leis divinas àquelas dos homens que a proíbem de enterrar seu irmão. Diz o coro da peça de Sófocles: “Ah! Infeliz, que não deve mais contar entre os humanos nem contar entre mortos, e não deve viver mais com os mortos do que com os vivos.”<sup>21</sup>

Essa zona do entre-dois, do vazio de significante, âmbito do *ex-nihilo* é de onde irradia Antígona com sua luz e sua beleza deslumbrante, como a Coisa no campo escópico, um olhar que brilha fazendo-nos cerrar as pálpebras, qual espectadores cegados por sua beleza e pela decisão de seu desejo que, mesmo levando-a à morte, a faz avançar sem temor nem piedade. O lugar da Coisa ocupado por Antígona é de onde provém seu brilho, que está presente em todos os autores que falaram de sua beleza.<sup>22</sup> Antígona é um exemplo paradigmático de eticidade do desejo, avançando sem temor nem piedade, de encontro à lei dos homens, representada por Creonte, ao encontro da Lei simbólica, chamada na peça de Sófocles de a lei dos deuses.

Brilho, glória, esplendor, digno de admiração são termos de Sófocles que designam o caráter escópico da Coisa-Antígona que está no lugar do olhar como objeto *a*, causa do desejo. Antígona nos olha. Quem triunfa na peça? “É o desejo irradiante, o desejo nascido dos olhares da virgem prometida ao leito do esposo, o desejo, cujo lugar é ao lado das grandes leis, entre os mestres do mundo.” [795]

O mestre desejo, esse *himeros* que irradia, é o “olhar tornado visível”, o próprio objeto olhar que brilha, explode com o deslumbre de beleza desse ser que desliza nessa zona desumana porém iluminada do entre-duas-mortes, a morte anunciada e a morte prometida. O desejo é belo, *kalihimeros*, *kalimeros*,

20 Jacques Lacan, “Hommage faite à Marguerite Duras, du Ravissement de Lol V. Stein”, *Ornicar?*, 34, p. 137.

21 Sófocles, *Antígona*, [850].

22 Jacques Lacan, *O Seminário*, livro 7, p. 301.

belo desejo. Tocante e ofuscante como o Sol, Antígona atrai os olhares do corifeu, dos espectadores como um derradeiro olhar, o olhar da morte. “Vejam-me lançar um último olhar ao brilho do sol. Em seguida tudo estará terminado. Hades, onde todos os humanos adormecerão leve-me viva às margens do Aqueronte”. [808]

Antígona —o olhar, se situa entre as duas mortes, a morte simbólica e a morte real. Antígona, nesse lugar, é o olhar, como objeto fulgurante, belo, indizível que está sempre “entre-dois”. Entre-dois significantes sem representação simbólica —eis o lugar de objeto que a mulher ocupa no desejo do homem. A beleza de Antígona-mulher advém de seu lugar de Coisa escópica do desejo. *Kalimeros é kalopsita*. O belo desejo é belo olhar.

Antígona, que logo será emparedada viva, compara seu destino ao de Nióbia, transformada em pedra, que “*se vê coberta por uma neve eterna, e doravante são rochedos inundados pelas lágrimas de seus olhos*”. Como o Sol e a morte, tampouco se pode olhar Antígona de frente. O efeito de sua beleza é ofuscante, cega: leva-nos para além do que é suportável para a visão de um humano. É a branca neve de Nióbia, cuja frieza equivale à do sudário.

A neve eterna mostra-nos o caráter de congelamento, de petrificação de seu ser nesse objeto de desejo em que se torna Antígona, e de quem só vemos, a partir da beleza e da morte, o brilho e o reflexo: puro olhar. Nióbia, a outra de Antígona, antecipa seu destino de Coisa —bela como a morte, a morte como bela.